

1. As argumentações contidas neste artigo se constituem em um fragmento de uma pesquisa de doutorado em Antropologia Cultural, ainda em andamento, e foram motivadas principalmente por discussões levantadas em diversos seminários ocorridos no Laboratório de Antropologia da Arquitetura e Espaços (Laares), coordenado pelo professor José Reginaldo Santos Gonçalves, também orientador da pesquisa, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do IFCS-UFRJ.

2. Pesquisador do Laboratório de Antropologia da Arquitetura e Espaços (Laares) do IFCS-UFRJ, professor no Departamento de História e Teoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), arquiteto e urbanista.

e-mail: antonio.agenor@ufjf.edu.br

DOI: 10.5752/P.23161752.2014v21n29p44

MEMÓRIA, USOS E APROPRIAÇÕES DO MONUMENTO AOS PRACINHAS¹

MEMORY, USES AND APPROPRIATIONS OF THE MONUMENT TO THE DEAD OF WORLD WAR TWO

MEMORIA, USOS Y APROPIACIONES DEL MONUMENTO A LOS MUERTOS DE LA SEGUNDA GUERRA

Antônio Agenor Barbosa²

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão acerca da memória e dos seus processos de patrimonialização, com base nos usos e apropriações atuais do Monumento aos Pracinhas. Analiso o monumento como uma categoria que não é fixa e que requer uma atualização constante de seus significados.

Palavras-chave: Monumento. Memória. Patrimônio. Usos. Apropriações.

Abstract

The following paper brings forward a reflection on memory and heritage processes, focusing on the present uses and appropriations of the Monument to the Dead of World War Two. In this research, the monument is analysed as a non-stationary category that calls for a constant update of its significance.

Keywords: Monument. Memory. Heritage. Uses. Appropriations.

Resumen

Este artículo presenta una reflexión sobre la memoria y los procesos de patrimonialización, a partir de los usos y apropiaciones actuales del Monumento a los Muertos de la Segunda Guerra Mundial. Analizo el monumento como una categoría que no es fija y que requiere una constante actualización de sus significados.

Palabras clave: Monumento. Memoria. Patrimonio. Usos. Apropiaciones.

Introdução

Patrimônio, memória, identidade e monumento são conceitos fundamentais para as Ciências Humanas e Sociais (LE GOFF, 1992; CATROGA, 2001; TRAVERSO, 2012; RICOEUR, 2007; NORA, 1993; CHOAY, 2001) e representam os alicerces de uma certa consciência contemporânea. Não é raro, entretanto, que haja alguma disputa semântica devido à forte interdependência existente entre tais conceitos. Sabemos também que a memória nos modela e é, simultaneamente, por nós modelada, fazendo com que, nesse jogo dialético, os conceitos de memória e identidade se cruzem mutuamente, a ponto de produzirem trajetórias de vida, histórias, mitos, narrativas em que se apoiam também as formulações acerca de patrimônio e monumento, ambos aqui sendo entendidos como dimensões da memória.

Como não há representação memorial sem traços, sem impressões gravadas que funcionam como testemunho e índice, percebe-se também que são os patrimônios culturais que nos produzem como sujeitos e não, ao contrário de como se costuma comumente refletir, nós que os produzimos apenas. Isso quer dizer que, ao classificar um determinado edifício como um monumento (ou como um patrimônio), estamos agindo para que esse dito patrimônio seja algo que também vai nos inventar e nos transformar como sujeitos no mundo.

É certo que, nos dias atuais, a tal inflação patrimonial (CHOAY, 2001) está em voga e que as próprias experiências individuais e coletivas vêm trazendo novas provocações ao pensamento e à reflexão teórica sobre os mecanismos de memória e suas relações com os patrimônios. Surge e desenvolve-se, portanto, uma nova experiência espaçotemporal, em que valores, discursos e narrativas clássicas e míticas são postas em xeque e em confronto por diferentes grupos sociais que não se reconhecem e, ou, não se identificam com tais narrativas, e que operam para a própria ampliação do entendimento que se deve ter nesses campos.

É importante, portanto, ampliar o entendimento da relação entre o que é o “espaço concebido” como algo fixo e imutável e o que é o “espaço vivido” como algo que provoca e contradiz essa suposta imutabilidade, subvertendo-o e ampliando as possibilidades de análise da categoria monumento.

Recentes expansões das categorias patrimônio, memória, monumento, identidade trouxeram novas abordagens que ampliam o entendimento destes campos (GONÇALVES, 2005; RICOEUR, 2007; TRAVERSO, 2012; KOPYTOFF, 2010), focando-os agora para uma atualização em diferentes contornos semânticos e interpretativos como é o que proponho neste artigo, ao analisar antropológicamente o Monumento aos Pracinhas, situado no Parque do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro (FIG. 1).

Partindo de dados coletados no meu trabalho de campo no referido Monumento, pretendo discutir acerca das relações da memória e dos seus inerentes processos de patrimonialização, com os usos e apropriações atuais e cotidianas³ do seu

3. As categorias de “monumentalidade” e “cotidiano” são, portanto, dois dos aspectos relacionais desta abordagem (BRANDÃO, 2006; GONÇALVES, 1996, 2002; LEITE, 2007).

espaço.⁴ Com aportes e dados oriundos da minha observação como participante em dois eventos ocorridos no referido espaço,⁵ pretendo abordar o Monumento entendendo-o como uma categoria que não é fixa, estável e nem estática, e que, constantemente, necessita de uma (re)construção e de uma atualização de seus símbolos e de seus significados para os quais fora, na sua origem, idealizado e concebido.

A importância simbólica do Monumento aos Pracinhas⁶ na paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro se pode medir também por sua localização destacada, junto à Marina da Glória, e pelo fato de estar inserido no Parque do Flamengo, próximo ao Museu de Arte Moderna (MAM). O pórtico vertical do Monumento, com 31 metros de altura e que abriga o túmulo do soldado desconhecido, está situado exatamente na perspectiva que se tem do eixo longitudinal da Av. Rio Branco, principal artéria viária do centro do Rio de Janeiro, aberta na gestão do prefeito Pereira Passos, ainda no início do século XX, criando uma relação visual importante com a parte “antiga” da cidade, anterior à construção do conjunto de arquitetura moderna existente no Parque do Flamengo (FIG. 2).



4. O espaço aqui não é entendido como uma entidade abstrata, puramente geométrica e mensurável quantitativamente, em que aparece separado das dimensões qualitativas da vida humana, mas, ao contrário, ambiciono entendê-lo qualitativamente e como categoria fundante para a formação identitária dos diversos grupos sociais que nele operam. Portanto quais os efeitos o espaço pode produzir nas pessoas? (INGOLD, 2000).

5. Um evento religioso, patrocinado pela Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), comandado pelo missionário RR Soares, ocorrido durante a Semana Santa, no dia 7 de abril de 2012; e outro evento, militar, ocorrido no dia 3 de junho de 2012, a cerimônia da troca de guarda do monumento quando o Exército passou a guarda para a Marinha.

6. Página eletrônica do Monumento aos Pracinhas. Disponível em: <<http://www.mnmsgm.ensino.eb.br/MNMSGM.htm>>.

Figura 1 • Visão geral do Monumento aos Pracinhas. Monumento aos Pracinhas (com sua plataforma elevada do solo, em formato de um “L”, inscrita num quadrado totalmente pavimentado de 100 m x 100 m) e áreas ajardinadas em seu entorno, no Parque do Flamengo.

Fonte: Google Earth.

No espaço arquitetônico, ou no Monumento propriamente dito, mas também no espaço urbano situado ao redor da parte construída, existem várias zonas de interesse, de tensões, de conflitos e de disputas bastante complexas. Em alguns eventos, há uma preocupação clara da direção do Monumento em delimitar formalmente, com a instalação de grades, o espaço “permitido” e o “não permitido” para certos usos e apropriações (ou contra-usos) supostamente indesejadas (LEITE, 2007).

Com os dados coletados nesses dois eventos, um religioso e outro militar, pretendo explorar de que maneira os mecanismos de lembrança e de esquecimento operam, simbólica e simultaneamente, nos usos cotidianos do monumento em questão. Tal proposta tem como objetivo observar se a sua condição de ser um patrimônio artístico nacional e um Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial encontra alguma ressonância na sociedade e nos seus usuários e frequentadores atuais ou se, ao contrário, o referido edifício também convive, simultaneamente, com usos e apropriações que o tornam um mero repositório de eventos dos mais diver-



tos sem que estes contemplem ou mesmo proporcionem a iluminação dessa memória à qual nos referimos.

É apoiado no que foi exposto acima que pretendo mobilizar as categorias monumento, patrimônio e memória como ferramentas importantes na minha análise de como são operados determinados códigos e símbolos no Monumento aos Pracinhas.

O manejo desses símbolos é organizado, de um lado, pela administração militar do Monumento,⁷ que atua na manutenção cotidiana do espaço e, por outro lado, por grupos sociais dos mais diversos que, aparentemente alheios a essa condição de Monumento, vêm forçando e demandando o referido espaço para diferentes usos, contrausos (LEITE, 2002, 2007) e apropriações que trazem novos ingredientes às perspectivas de análises tradicionais que entendem o Monumento (e o patrimônio) como uma relíquia ou como objeto imutável que não se atualiza e não se refaz.

Breves delimitações de um campo teórico

A Antropologia é um campo disciplinar que vem se dedicando às explicações teóricas e abordagens etnográficas sobre o espaço. É pautado nesse desafio de empreender uma análise propriamente antropológica sobre o espaço do Monumento aos Pracinhas que busco delimitar os meus horizontes teóricos apoiados nas categorias memória, patrimônio e monumento.

Sobre a emergência da memória como um fenômeno midiático e também político, faz-se oportuno mencionar o ensaio "Passados presentes: mídia, política, amnésia", de Andreas Huyssen (2000), no qual o autor destaca que o mundo passa por uma espécie de "musealização" em escala global e que há uma tendência a fazer do tema da "memória" algo de espetacular, midiático e, sobretudo, político, quando a recriação e, ou, a idealização do passado passa por processos de "lembranças" e de "esquecimentos". E adverte que se deve tomar cuidado para que esses processos de restauração da memória, algo cada vez mais sedutor, não caiam na ilusória armadilha de promoverem uma mitificação do passado.

Figura 2 • Monumento aos Pracinhas e Parque do Flamengo. Ao centro, observa-se o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, popularmente conhecido como Monumento aos Pracinhas, situado no Parque do Flamengo e inaugurado em 5 de agosto de 1960. Na foto, também se podem observar partes importantes do Parque do Flamengo, que compõem o entorno próximo do Monumento, tais como as pistas de aeromodelismo (acima), os barcos na Marina da Glória (à esquerda) e os jardins adjacentes ao Museu de Arte Moderna (abaixo). No único elemento verticalizado do Monumento, observa-se o pórtico de 31 metros de altura, sob o qual está o túmulo do soldado desconhecido. Os outros 467 corpos, sendo 15 deles não identificados, estão depositados no Mausoléu, situado no subsolo.

Foto: Cláudio Lara.

7. Que se apresenta como o principal grupo social mais afinado à própria causa para o qual o Monumento foi concebido e que tenta se afirmar cotidianamente, por meio da manutenção e ampliação de narrativas míticas e constitutivas de uma identidade de Pátria e de um espírito cívico.

No meu trabalho de campo no Monumento aos Pracinhas, presenciei como, em várias situações, a partir de conflitos e tensões indentitárias protagonizadas por grupos sociais distintos, esse passado e suas memórias são evocadas e mobilizadas ora para promoverem uma mitificação e glorificação do passado nacional, em que os "heróis" que morreram pela Pátria são a face mais visível dessa evocação, ora, de forma mais prosaica, para agirem como uma espécie de dispositivo organizador, inibidor e delimitador de recentes e diversas demandas cotidianas pelas quais tem passado o Monumento, sobretudo num momento especial da cidade do Rio de Janeiro, em que o apelo midiático para a realização de grandes eventos é um imperativo que se impôs sobre a cidade e do qual o Monumento aos Pracinhas não escapa.

Como apoio teórico complementar ao que foi exposto acima, é relevante também argumentar o quão importantes são as funções simbólicas dos objetos materiais (objetos de coleções, acervos de museus, monumentos urbanos, etc.) na construção de autoconsciência individual e coletiva (GONÇALVES, 2005). Sem tais objetos nós não existiríamos ou, pelo menos, não existiríamos como indivíduos socialmente constituídos.

No que tange às concepções de usos e apropriações, tenho como horizonte de análise as pesquisas de Leite (2002; 2007), que dão uma boa distinção sobre espaço urbano e espaço público. Em acordo com o referido autor, entendo o espaço urbano do Monumento aos Pracinhas (situado, como já mencionamos, em um parque público) como categoria que somente se converte em espaço público com base em certas configurações espaciais específicas e em certos conjuntos de ações e de interações que lhe conferem novos significados e sentidos.

Compreendo o espaço do Monumento aos Pracinhas como sendo excessivamente controlado. A sua transparência, a sua dimensão espacial generosa, a sua amplitude de visão e de perspectiva, proporcionada por uma área livre, aberta e não edificada à frente da construção, e também a própria linguagem abstrata e a ousadia formal da sua estrutura iludem o observador e o usuário a pensar que ali se pode fazer tudo e que se trata de um espaço essencialmente público implantado no Parque do Flamengo.

Mas essa estratégia de análise teórica se enquadra também empiricamente devido à maneira como o espaço do Monumento aos Pracinhas cada vez mais abarca situações e eventos que, a despeito do seu excessivo controle, o preenche de novos sentidos e significados, ampliando seus contornos semânticos tradicionais e favorecendo, em certos usos e apropriações, a emergência, ainda que fugaz, de um espaço essencialmente público e não apenas urbano (no sentido da sua dimensão física).

A relação das categorias monumento e cotidiano (GONÇALVES, 2002; BRANDÃO, 2006) traz novas luzes à compreensão mais atualizada do espaço do Monumento aos Pracinhas, sobretudo num momento em que a cidade do Rio de Janeiro passa por transformações importantes nos seus processos de (re)organização do espaço urbano, promovendo a demolição

de edificações juridicamente protegidas e tidas como patrimônio cultural da cidade⁸ e na expectativa de que, com isso, haja uma transformação na imagem que se vende da cidade, na tentativa de ela própria ser entendida como um Patrimônio Cultural da Humanidade. Aqui já antecipo essa tensão entre o monumento e o cotidiano que, para mim, revelou-se por uma janela exposta para o cotidiano do monumento, tão pouco estimado por parte da comunidade de arquitetos interessados na sua forma arquitetônica acabada e nas virtudes do seu projeto.

8. Como o caso das demolições do estádio do Maracanã, do hospital universitário da UFRJ, na Ilha do Fundão, da antiga fábrica da cervejaria Brahma, contígua ao sambódromo, etc.

Uma janela para o monumento

Durante aproximadamente cinco meses do ano de 2012, frequentei cotidianamente o Monumento aos Pracinhas, com o intuito de observar as atividades ali desempenhadas tanto pelos seus administradores militares como também pelos usuários e frequentadores do referido espaço.

Como arquiteto, eu já tinha e compartilhava com outros colegas algumas ideias totalmente estabilizadas a respeito do Monumento, sobretudo aquelas referentes ao elogio da linguagem arquitetônica moderna que confere ao edifício grande notoriedade devido à abrangência de perspectivas e diferentes pontos de vista pelos quais pode ser visto em várias partes da cidade.

Assim, embora construído e implantado no Parque do Flamengo, é possível observá-lo de longe, desde a Praça Mauá, da Ponte Rio Niterói, do Bairro da Glória, da Baía de Guanabara, de diversos mirantes da parte alta do bairro de Santa Teresa e, obviamente, de diferentes pontos dentro do próprio Parque do Flamengo, onde está situado.

Entretanto a estabilidade e a conseqüente desnaturalização das minhas concepções a respeito do Monumento aos Pracinhas começaram a ser abaladas quando, desde o final do ano de 2011, passei a residir em um apartamento na Avenida Augusto Severo, situado no bairro da Glória, em frente à Praça Paris, a cerca de 500 metros do Monumento aos Pracinhas.

A oportunidade de morar nesse apartamento, com privilegiada vista para o Parque do Flamengo e para o Monumento aos Pracinhas, provocou em mim não somente um processo de reavaliação e ressignificação das minhas concepções do referido espaço como também uma espécie de dissintonia nas minhas conversas sobre o Monumento com alguns colegas arquitetos.

Essa dissintonia, por sua vez, provocou o interesse cada vez maior de aprofundar o estudo não apenas *do* Monumento, mas, se possível, *no* Monumento. Em certa ocasião, numa conversa com colegas arquitetos, na qual apresentei a minha intenção de estudar no Monumento aos Pracinhas, alguns assim me disseram: “Nada acontece ali de importante, e já existe muita coisa escrita sobre a arquitetura do Monumento aos Pracinhas”.

Tais assertivas entravam em choque com o que, da minha janela, observava cotidianamente ao olhar para o Monumento aos Pracinhas. Dali, observava que não havia sequer uma estabilização da tão festejada forma arquitetônica do edifício, pois,

em várias ocasiões, o espaço era reinventado e redesenhado por suportes, barracas, acessos, circulações, tapetes, tecidos, toldos, lonas, mesas, cadeiras, painéis expositivos, pedestais, organizadores de fila, marcações de piso, etc. Da janela, observei diferentes e inusitadas maneiras de configurar, usar e de se apropriar do espaço do Monumento por diferentes grupos e em eventos dos mais diversos, tais como eventos religiosos, formaturas, apresentações de teatro, *shows* musicais, eventos esportivos e também as próprias cerimônias cívico-militares que, em suas variantes, sequer poderíamos também enquadrá-las num só nicho específico.

Descendo do prédio e cada vez mais interessado no que já tinha visto e anotado daquele mirante que a minha janela proporcionava, aproximei-me cada vez mais do Monumento e, de abril a setembro de 2012, frequentei regularmente o lugar com o intuito, digamos assim, de testar se as minhas primeiras intuições provocadas pelo processo de desnaturalização das minhas concepções originais relativas ao edifício poderiam ser comprovadas.

Com um olhar já interessado em ver além do que já tinha visto em outras visitas ao Monumento, nessas minhas primeiras aproximações com o espaço, observei, de imediato, que mármore, granitos, cimento, azulejos, pedras e outros nobres materiais de construção, tangíveis aos olhos e palpáveis ao tato, que constituíam a materialidade do monumento e passavam por uma espécie de crise em sua estabilidade, devido sobretudo à forte e implacável força de fatores, tais como corrosão, maresia, umidade, mofo, fungos e outros agentes, digamos, nem tão palpáveis e nem tão tangíveis aos sentidos.

A própria arquitetura e a maneira como dela poderíamos nos apropriar passava por efêmeras e sutis mudanças e, não raro, havia a presença de cones e barreiras móveis em alguns espaços que impediam o acesso e a circulação em determinadas áreas nas quais se lia sempre a inscrição: "em manutenção".

Um Sábado de Aleluia num palco militar

Desde o início do ano de 2012, passei a acompanhar com mais interesse e constância os eventos e atividades que ali ocorriam. Um desses eventos que presenciei, e com base no qual teci algumas notas de campo, ocorreu no dia 7 de abril de 2012, Sábado de Aleluia, em plena Semana Santa. Foi um grande evento religioso da Igreja Internacional da Graça de Deus.⁹

Por voltas das 16 horas, dezenas de caravanas chegavam ao Parque do Flamengo, tendo como destino final o Monumento aos Pracinhas, onde em um imenso palco montado à sua frente, aconteceria um ato religioso comandado pelo missionário RR Soares.

As tais caravanas eram oriundas de locais como Alcântara, Itaboraí, Rio das Pedras, Irajá, Méier, Campo Grande, etc. À frente de cada uma delas, estava um líder (chamado sempre de pastor por seus seguidores) que segurava uma grande placa indicativa do lugar de onde vieram. Enquanto diversos artistas se revezavam no palco montado, pude ver dezenas de grupos

9. Ainda no mês de abril, enviei carta ao então diretor do Monumento, coronel Germano Américo, solicitando-lhe uma permissão para que pudesse pesquisar no Monumento e ter acesso livre às áreas normalmente proibidas para o visitante comum. A autorização me foi concedida verbalmente por um funcionário da administração e, desde então, tenho tido algumas facilidades e até recebido alguns convites para participar de eventos e cerimônias militares proporcionadas por essa abertura do campo à minha investigação.

de adolescentes que, mais dispersos e desorientados que a maioria do público adulto, circulavam constantemente ao redor do Monumento aos Pracinhas para, em grupos, tirarem fotos, sempre com a Marina da Glória e o Pão de Açúcar ao fundo como moldura e cenário principal de suas fotografias.

Perguntei a alguns deles se era a primeira vez que estavam ali no Parque do Flamengo, e todos me responderam afirmativamente. Nunca haviam estado ali no Parque, não sabiam nada a respeito do Monumento aos Pracinhas e nem sobre o que ele significava. Estavam ali apenas para o referido evento religioso. Ali ficou evidente o quão forte é o apelo cenográfico desempenhado pela arquitetura do Monumento aos Pracinhas (enquanto suporte material) e pela paisagem do entorno, e que, no evento em questão, atraiu um público que estava totalmente alheio e desinteressado a respeito dos significados que, para os militares que o administram, condicionam e estruturam uma forma oficial de interpretação, de narrativa e de recordação do passado apoiada nas próprias concepções arquitetônicas do Monumento.

O limite da área construída do Monumento aos Pracinhas estava, todo ele, cercado por grades móveis, num desenho bem preciso e rigoroso entre a área que era permitida o trânsito e a que este estava proibido. De novo me chamou a atenção essa tentativa dos militares em manter algum tipo de controle sobre áreas permitidas e outras proibidas, ainda que num evento religioso de proporções grandiosas e alheio à própria essência e à natureza do Monumento. Esse fato contribuiu para que eu pudesse entender o Monumento aos Pracinhas como um espaço heterotópico (FOUCAULT, 1977, 2006), no qual múltiplas dimensões de significados são possíveis de serem apropriadas por diferentes grupos sociais. Tal tentativa e permanência de certos mecanismos de controle do espaço, mesmo num dia de uma festa (religiosa), evidenciou, para mim, o espectro de tensões e de conflitos cotidianos por que passam os militares entre as ditas concepções de um “espaço concebido” (oficialmente como um monumento) e de um “espaço vivido” (que, embora não se tratasse de um evento cotidiano e corriqueiro, é fruto de outro tipo de entendimento simbólico e discursivo sobre os usos e apropriações do referido espaço).

Dentro da área gradeada e, mais precisamente, no interior do Museu (única área que tem ar condicionado), os pastores, políticos, vereadores, deputados, senadores, artistas e outras personalidades esperavam o momento em que o mestre de cerimônia do evento os chamava para que fossem até o palco para saudar o público. Nesse momento, foi chamado pelo locutor o senador Lindberg Farias (PT-RJ), que foi apresentado, assim como os demais convidados, como um “Homem de Deus”.

Na minha observação, procurei dar atenção a todos os grupos sociais que, naquele momento, eu pude identificar de imediato. Como havia um grande número de guardas municipais uniformizados, procurei um deles para que fosse meu informante sobre o tal evento religioso.

O guarda municipal, identificado como Nascimento, disse-me que não se tratava de um evento da Prefeitura do Rio de Janeiro,

mas que a esta caberia apenas apoiá-lo por meio da presença da Guarda Municipal nas imediações. Outra informação importante que ele me passou é que caberia, única e exclusivamente, aos militares a concessão, ou não, de autorização para realização de qualquer evento nas imediações do Monumento aos Pracinhas.

Já aos grupos promotores de tais eventos caberia dotar a área de banheiros químicos, atendimento médico de emergência, ambulâncias, etc. O meu informante não soube dizer-me, com precisão, se os militares recebem algum tipo de contrapartida financeira pela cessão do Monumento aos Pracinhas para eventos desse tipo,¹⁰ mas garantiu que, certamente, tanto a Prefeitura quanto o governo do Estado estariam recebendo contrapartidas financeiras por parte da Igreja Internacional da Graça de Deus, para que a primeira enviasse o efetivo da Guarda Municipal que, entre outras tarefas, cuidaria também do trânsito na área, e para que o segundo enviasse o efetivo da Polícia Militar que garantiria a segurança do grande público participante do evento.

Na minha observação, procurei estar atento sempre a esse âmbito relacional, a esse “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) que envolve os grupos sociais no espaço e, da sua parte, do espaço propriamente dito, no qual interagem, transitam, circulam e utilizam seus equipamentos. Na ocasião, pude perceber também como a apropriação do espaço do Monumento aos Pracinhas se dava por essas diferentes caravanas que se dirigiam ao evento. Só aparentemente havia certo descontrole e certa flexibilidade na localização precisa dessas caravanas, mas, efetivamente, cada uma delas ocupava um espaço específico e bem definido à frente do palco montado junto ao Monumento, revelando um certo “arranjo” interno inerente a cada grupo que por lá transitava.

Ao contrário das pessoas pertencentes a cada uma das caravanas específicas e que tinham o seu lugar definido e marcado durante o evento,¹¹ outras dezenas de pessoas, vestidas de jalecos na cor verde, tinham a prerrogativa de poder circular com mais liberdade tanto por dentro quanto por fora da área gradeada pelos militares. Tais pessoas, denominadas “obreiros” pelo locutor, carregavam em suas mãos grandes sacos confeccionados em um tecido aveludado na cor vermelha, onde os presentes depositavam dinheiro para a Igreja Internacional da Graça de Deus. Acompanhei o percurso e a circulação de alguns desses obreiros, que também vendiam CDs e outros produtos da referida Igreja como também dos artistas que iriam se apresentar no evento, e pude ver como as pessoas, de fato, faziam as suas contribuições ao mesmo tempo em que o locutor bradava pelo microfone que este era o momento de os fiéis mostrarem a sua fé e a crença na Igreja que tanto faz em benefício de cada um ali presente. Na medida em que iam recolhendo os donativos, os denominados obreiros se dirigiam para a área cercada por grades, junto à parte edificada do Monumento aos Pracinhas, até que sumiam do meu campo de observação.

Tais considerações acerca desse evento religioso ocorrido no Monumento aos Pracinhas evidenciaram como o papel desempenhado pelas memórias individuais e coletivas nas suas relações com os suportes materiais é tema fundamental para

10. Embora haja a suspeita, por parte dele, de que os militares recebam, sim, algum tipo de contrapartida financeira, pois senão não cederiam a “área deles para este tipo de coisa”. Num segundo momento, ele mesmo me perguntou: “O que os militares ganham permitindo eventos como este por aqui? Aqui é o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra, não é um local adequado para esses eventos. O problema começa lá em Copacabana, que tem agora uma associação de moradores forte. Veja você que não tem mais grandes eventos acontecendo lá em Copacabana como na época do prefeito Cesar Maia. Aí o atual prefeito deslocou tudo para cá”.

11. Importante lembrar que as tais placas de identificação da origem de cada caravana ficavam sempre hasteadas, marcando a posição de cada grupo e favorecendo a sua identificação também pelo mestre de cerimônias do evento que, ao ler tais placas, poderia fazer uma saudação específica àquela caravana.

se analisarem as formas como tais memórias se apresentam apoiadas nesses suportes e como são relacionadas com categorias afins, tais como identidade, patrimônio e monumento.

Dessa forma, a Arquitetura, nas diferentes concepções espaciais que ela engendra, desempenha papel fundamental de atuar como privilegiado suporte material sobre o qual as memórias individuais e coletivas se projetam e atuam, sejam no sentido de preservá-las, de transformá-las ou até de omiti-las, fazendo com que percebamos que a forma final de um edifício, ou de um monumento, é apenas um entre muitas outras tantas etapas na existência e na biografia deste, conforme apontado por Tim Ingold (2000).

Tal evento religioso, com centenas de participantes presentes, utilizou-se da estrutura arquitetônica do Monumento aos Pracinhas como apoio logístico para suas atividades, mas não estava interessado em promover nenhum tipo de chamado ou de evocação a respeito desse espaço como um lugar de memória ou como um patrimônio, gerando uma dissintonia com aquilo que, oficialmente, espera-se que ocorra no referido espaço conforme veremos na sessão seguinte, em que coloco em evidência o ritual militar da rendição da guarda do Monumento.

O ritual da rendição da guarda

Outro evento para o qual fui formalmente convidado pelo então comandante do Primeiro Distrito Naval¹², o vice-almirante Elis Treidler Oberg, foi a cerimônia de Assunção da Guarda do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, ocorrida no domingo, 3 de junho de 2012.

A cerimônia teve início pontualmente às 10h da manhã, horário marcado no convite. Cheguei ao Monumento com pelo menos uma hora de antecedência, no intuito de observar os preparativos finais para o evento. Presenciei diversos soldados, vestidos com *shorts* e camisetas, fazendo tarefas mais relativas ao que chamo de “faxina” ou acabamento final dos preparativos para a cerimônia. Alguns varriam partes empoeiradas, outros transportavam cadeiras de um lado para o outro, alguns eram solicitados pelos militares de mais alta patente, para fazer determinados serviços particulares para eles, tais como ir buscar no estacionamento uma máquina fotográfica, óculos escuros, etc. Uma boa concentração desses soldados eu vi junto à escadaria principal que dá acesso ao túmulo do soldado desconhecido. Ao chegar mais perto, percebi que eles estavam, ajoelhados, empenhados em fixar, de modo improvisado, o tapete vermelho aveludado entre as juntas do granito dos degraus da escadaria, situado sob o pórtico.

Na plataforma elevada do monumento (que, em dias de cerimônias militares, é transformada em espécie de “camarote” para as autoridades presentes), foi erguida uma barraca de tecido branco, fixada com estacas de ferro que danificavam as juntas entre os granitos.¹³ A finalidade da instalação era abrigar do sol e da chuva as pessoas que iriam assistir à cerimônia. Sob aquela barraca, cerca de 40 a 50 cadeiras de plástico branco eram destinadas a esse público.

12. Porque seria a Marinha do Brasil que tomaria a guarda do Monumento e, portanto, caberia a ela organizar a cerimônia. No convite, havia a inscrição de que o uniforme militar a ser usado era o de número 5.5, o que equivale, no traje civil, ao passeio completo, que exige, portanto, o uso do terno e da gravata.

13. Dentro das minhas concepções de Arquitetura é que faço essa observação, embora sob um olhar antropológico, autores como Ingold (2000), por exemplo, destacam que essa questão deva ser relativizada (e minimizada), pois estamos tratando, essencialmente, de maneiras diversas de habitar e de transformar o lugar, e que, portanto, não podemos analisar tais intervenções apenas sob uma lógica da destruição e do desgaste da matéria.

Enquanto se aproximava o horário marcado para o início de evento, comecei a circular em volta do Monumento e procurei falar com alguns dos presentes. Nesse momento, verifiquei que havia uma pequena concentração de pessoas junto a dois tanques de guerra,¹⁴ que, nessas ocasiões militares, sempre são deslocados para a frente do monumento, junto às pistas do aterro do Flamengo, e para lá me dirigi. Encontrei um senhor de 53 anos, identificado como João Carlos Claudino, militar, que foi bastante solícito em conversar comigo.

Indaguei o porquê de estar ali, e ele me disse que fora convidado especialmente pelo coronel Germano, diretor do Monumento, devido ao fato de ter doado recentemente ao Museu do Monumento uma série de DVDs e filmes da sua coleção particular sobre a Segunda Guerra Mundial. Estava visivelmente emocionado e ali começou a me dar uma verdadeira aula sobre a Segunda Guerra e também sobre o processo de repatriamento dos pracinhas brasileiros (por ele chamado de “heróis da Pátria”), que culminou na construção do monumento. Disse-me, com bastante segurança, que voltaria ali no dia 5 de agosto daquele ano para o evento de aniversário do monumento, que completaria 52 anos em 2012 e, naquele dia seria uma festa das três forças.¹⁵

E passou a narrar, com os olhos lacrimejando, que ali era um “lugar santo, um lugar sagrado, de gente que foi vivo para a guerra e que voltou morto de lá”. Deixei que fosse me falando mais sobre a sua percepção do lugar e, entre idas e vindas não muito lineares na sua narrativa, afirmou:

Somente por causa do zelo e do cuidado dos militares é que o monumento está assim tão bonito e bem conservado,¹⁶ como se pode ver. O que não é cuidado pelos militares é um lixo e, graças a Deus, que há um batalhão aqui permanentemente tomando conta. Ali junto ao MAM, você vai verificar como tudo ali está em péssimo estado de conservação e com manutenção precária. Isto aqui à noite é zona perigosa, zona de prostituição, de tráfico de drogas e cheia de vândalos. Ali no MAM, tem muitas festas à noite, e essas festas só trazem este tipo de gente. É um perigo este parque à noite, e os militares é que cuidam para que isso seja bem preservado.

Por um momento, ele deu uma pausa em sua fala, e lhe perguntei se sabia quem fora a pessoa que fez o Monumento do qual tanto se orgulhava, e ele me disse categórico que foi o marechal Mascarenhas de Moraes. Em seguida, eu o questionei sobre o projeto de arquitetura do Monumento, se ele sabia quem o fizera, e ele, mostrando hesitação e dúvida, que não demonstrou ao citar o marechal Mascarenhas de Moraes, falou: “Dizem que foi o Oscar Niemeyer, mas hoje mesmo eu quero tirar esta dúvida”.

Perguntei então por que achava que o monumento era atribuído ao arquiteto Oscar Niemeyer, e ele me disse que era pela “Grande perfeição dos traços. Como tudo que ele faz tem essa perfeição, então as pessoas dizem que este monumento foi ele que fez também.”¹⁷

Despedi-me dele e, mais à frente, ainda próximo aos carros de combate, encontrei um jovem casal, ele chamado Ricardo, mi-

14. Ao usar essa expressão junto ao militar que estava fazendo a segurança do equipamento, fui corrigido por ele. Não se tratava de um tanque (“Quem usa tanque é lavadeira”, disse-me), e sim de um carro de combate.

15. Assim dito por ele: Exército Brasileiro, Marinha do Brasil e Força Aérea Brasileira.

16. Não é essa, porém, a percepção interna de alguns funcionários militares da administração do Monumento. Um desses informantes já havia me dito que existia um grande projeto pronto há mais de dois anos em que o valor para fazer uma grande restauração urgente e necessária no Monumento estaria em torno de um milhão de reais. Mas que, segundo ele, dificilmente o governo iria liberar esse dinheiro, pois não era prioridade nas demandas das Forças Armadas. Havia problemas sérios de infiltração em toda a parte edificada do Monumento, de impermeabilização, problemas estruturais, pastilhas, azulejos e outros revestimentos soltos, dois elevadores quebrados, placas de granito e de mármore quebradas, problemas de instalação elétrica. Também me revelou que havia certa dificuldade (técnica) de manter o jardim interno do monumento, etc. Isso se revelava, por exemplo, no fato de que recentemente foi plantada uma palmeira imperial no referido jardim. Tratava-se de um equívoco, segundo o próprio informante, e também era aquela a opinião do arquiteto Marcos Konder, autor do projeto arquitetônico do Monumento. Para o arquiteto, a referida palmeira, ao crescer, configuraria-se em um elemento vertical que iria atrapalhar e comprometer a integridade do conjunto arquitetônico por ele projetado. Enfim, mesmo os militares (ao contrário do que o senso comum opera em relação a eles, por acharem que têm a capacidade de exercer grande controle sobre tudo o que vigiam e guardam) enfrentam sérios problemas COTIDIANOS na administração de um MONUMENTO.

17. Por essa fala, podemos relativizar, mesmo para as pessoas que se sensibilizam com o Monumento, a importância do projeto arquitetônico e até mesmo do arquiteto que o projetou. Ainda que não tenha sido Oscar Niemeyer o autor, muitas pessoas se encantam pela “leveza, plasticidade e perfeição dos traços” e acreditam que o Monumento seria também obra do mais célebre arquiteto brasileiro do século XX.

litar da Marinha, e sua esposa, civil, de nome Kelly. Perguntei a ambos se sabiam me dizer do que se tratava o prédio.

Ricardo rapidamente se antecipou em responder à minha pergunta e me disse, falando pelos dois, que ambos conheciam o lugar. “Trata-se do Monumento aos Pracinhas em homenagem à Segunda Guerra”. Perguntei se já tinham visitado o lugar e se valia a pena fazê-lo. Ambos me disseram que sim e me narraram que “a vista lá de cima é incrível e tem uma bela visão da Baía de Guanabara e do Pão de Açúcar”. Como estavam em traje informal, perguntei se sabiam me dizer que cerimônia ocorreria ali, e ele me disse que, sendo da Marinha, sabia que a Marinha assumiria a Guarda do Monumento aos Pracinhas. Como se revelaram gentis comigo eu então perguntei, em seguida: “Então vocês também já visitaram o Mausoléu?”. E foi aí que somente a moça, um tanto surpresa, respondeu-me de volta com outra pergunta: “Como assim, Mausoléu?”. E então eu lhe disse que ali, no subsolo, estavam depositados os restos mortais de 468 pracinhas que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Ele me disse que sabia, sim, do Mausoléu, localizado no subsolo, mas que, de fato, nunca a tinha levado até lá e nunca tinha comentado com a esposa sobre a existência do mausoléu. Ela, surpresa, me disse: “Pois eu nunca imaginei que tivesse tanta gente enterrada aí no subsolo!”¹⁸

Como o início do evento já se aproximava, procurei tomar um lugar, acima na plataforma elevada, em que tivesse uma visão geral da cerimônia. Percebi que algumas autoridades militares chegavam sempre de carro e, ao desembarcarem em frente do Monumento, eram recepcionados pelo diretor do Monumento, o coronel Germano Américo dos Santos, que os conduzia por cima do tapete vermelho.

Ainda na plataforma, os convidados tomavam seus lugares, sempre de costas para a baía de Guanabara e para o Pão de Açúcar, sob a improvisada barraca de lona branca, e uma mestra de cerimônias da Marinha lia, diante de um parlatório móvel de madeira, improvisado sob o sol, ponto por ponto, todo o roteiro da cerimônia, impedindo assim que fosse mencionado algo errado.¹⁹

A cerimônia teve início com o desfile de tropas da Marinha, que seria a força que assumiria a guarda do Monumento, seguida das tropas do Exército, que entregaria a guarda. Após o desfile, o pelotão da Marinha se posicionou à frente da escadaria, ao lado esquerdo, enquanto o pelotão do Exército se posicionou ao lado direito.

Observei que o desempenho dos militares em marcha, cantando seus hinos e muito bem ensaiados, sem que, aos olhos de um leigo, pudéssemos notar nenhum tipo de erro ou equívoco durante todo esse evento, ocupava toda a extensão da praça em frente à área edificada do monumento, dificultando ou inibindo qualquer tentativa de aproximação do pequeno público que assistia ao evento.

No evento religioso anteriormente descrito, não havia nada que fizesse alusão aos signficados do Monumento aos Pracinhas e às possibilidades de evocação de determinadas memórias coletivas da Pátria, ou dos “heróis mortos” durante a Segunda Guerra

18. Aqui reitero que essa é uma fala também recorrente na minha etnografia, já que, com frequência, encontro pessoas sensíveis e encantadas não somente com a arquitetura do Monumento e com a paisagem do entorno, mas que desconhecem, digamos assim, a sua “razão de ser”.

19. Durante a cerimônia, foram executados o Hino Nacional e os hinos alusivos ao Exército, à Marinha, à Força Aérea e à Bandeira do Brasil, além do *Hino ao Monumento*, de autoria do primeiro-tenente Paulo de Paula Pimentel.

Mundial, a despeito da grande quantidade de pessoas que ocupavam, de maneira informal, toda a praça em frente ao edifício. No caso do evento militar, houve todo um esforço de evocação de certas memórias, apoiando-se inclusive em suportes materiais, mas sem nenhum tipo de possibilidade de integração ou de ressonância daquelas atividades com o pequeno público que, situado na periferia do monumento, estava presente ao evento.

Não havia grades, como no evento religioso anteriormente mencionado, nem os acessos estavam fechados a nenhuma área do Monumento, mas havia uma “barreira simbólica” que impedia o pequeno público de presenciar a cerimônia com mais proximidade.

Naquele momento foi mencionada a chegada do comandante do Primeiro Distrito Naval, que foi convidado pela mestra de cerimônias a assumir o seu lugar na Plataforma Monumental.²⁰ O comandante se dirigiu, caminhando ao longo do tapete vermelho estendido no chão, à plataforma e ali, juntamente com outras autoridades militares, todas voltadas para o túmulo do soldado desconhecido, foram convidados a cantarem o Hino Nacional.

Sem dúvida, foi importante poder acompanhar e observar aquela cerimônia, que era um evento de grande relevo e significado para os militares que ali evocavam, como diriam Anderson (1993) e Huyssen (2000), todas as redes e mecanismos de memória que, por um lado, constituem-nos como uma “comunidade imaginada” e também (re)constroem e atualizam mecanismos subjacentes de uma memória (monumental) que, no dia a dia das atividades corriqueiras, acabam por provocar o embotamento dos sentidos e dos próprios significados maiores para o qual o referido edifício fora construído.

Processo de (trans)formação x forma final

Tombado pelo IPHAN em 2010, o Monumento aos Pracinhas se configura, portanto, em um patrimônio nacional. No parecer elaborado pelo Conselho Consultivo do IPHAN, entre outras razões, são enaltecidas as qualidades plásticas do Monumento e descritos os materiais de construção (azulejos, mármore, granitos) que garantem e dão forma às tais qualidades plásticas. É a celebração, portanto, da forma final, oriunda de um projeto arquitetônico e ali edificada desde o ano de 1960. Na página eletrônica do Monumento, há também muitas referências não apenas aos materiais de construção propriamente ditos como também ao simbolismo por eles desempenhados na sua arquitetura. Assim, são feitas alusões aos ferros metalizados, ao concreto aparente, ao concreto armado, etc.

Mas, durante o meu trabalho de campo e em conversas tanto com os administradores militares do monumento como com alguns usuários, constantemente fui surpreendido com observações que davam margem a uma abertura de pensamento que me permitiram analisar o Monumento aos Pracinhas muito mais como um edifício em processo cotidiano e constante de formação e de transformação do que algo já entendido deliberadamente como uma forma ou um produto final.

20. No trabalho de campo, percebi como são usadas pelos militares e também pelo arquiteto Marcos Konder Netto (que sendo o único membro ainda vivo da equipe que projetou o Monumento, e que atua como uma espécie de guardião da memória do edifício e das próprias concepções plásticas do seu projeto), as palavras “monumento” e “monumental”. Com bastante regularidade, eles se referem ao pórtico como “Pórtico Monumental”, à plataforma elevada como “Plataforma Monumental”, à escadaria que dá acesso ao túmulo do soldado desconhecido como “Escadaria Monumental” e ao próprio conjunto edificado (que compreende um museu, homenagens às três forças, túmulo do soldado desconhecido, mausoléu, etc.) como, simplesmente, “O Monumento”.

Entre a sonhada e ilusória purificação morfológica e espacial do monumento moderno e nacional aos mortos da Segunda Guerra Mundial, fui sendo cada vez mais atraído por seu caráter híbrido, instável, inexacto, aberto e em constante transformação cotidiana.

Também o monumento se revela híbrido e em constante processo de transformações quando ações e narrativas cotidianas de seus administradores se preocupam muito mais em resolver problemas práticos de manutenção e de conservação do edifício que em atuar, por todo o tempo, como guardiões de memórias nacionais oficiais oriundas da Segunda Guerra Mundial. Talvez, ao agirem dessa forma, num árduo trabalho cotidiano, estão agindo na direção da conservação da sua monumentalidade.

Um informante do exército, funcionário do monumento, em várias ocasiões, disse-me que eles travavam uma “guerra” constante contra a umidade e os fungos que, infelizmente, corroem os nobres materiais de construção que, para o desespero deles, não existiam mais no mercado para serem substituídos. Vejamos aqui o que ele narrou:

Esta é uma guerra constante que travamos aqui, no dia a dia do monumento, e, infelizmente, há três razões que nos impedem de vencer esta guerra. A primeira é que, se formos analisar racionalmente o monumento, não poderia ter sido construído aqui neste lugar, em um terreno com tanta umidade e sujeito a esta maresia constante. O local não ajuda em nada nos processos de manutenção e de conservação que o espaço necessita. Em segundo lugar, é que não há prioridade no Ministério da Defesa para se fazer uma grande reforma que possibilitaria a resolução definitiva desses problemas, refazer as impermeabilizações, substituir materiais, etc. Afinal de contas, o monumento já tem mais de cinquenta anos. São obras caras, não muito visíveis e não há, portanto, prioridade para isso. A terceira razão é que se trata de um edifício tombado pelo IPHAN, dentro de um parque também tombado, e nós aqui estamos de mãos atadas em relação aos muitos impedimentos que temos quando vamos realizar modificações que são importantes para melhorar o nosso trabalho cotidiano aqui no Monumento.

Considerações finais

Guardiões do projeto arquitetônico, uma parte significativa da comunidade de arquitetos, em geral, preocupam-se em garantir a primazia da forma e do *design* principalmente em edifícios tombados ou reconhecidos como patrimônios. É comum até mesmo que as preocupações dessa comunidade sejam constantemente reproduzidas em suplementos culturais de alguns dos principais jornais do País.

A celebração da forma final, do êxito plástico de um projeto apoiado em uma determinada linguagem arquitetônica, é exemplarmente disseminada no que se refere a muitos edifícios ditos ícones da arquitetura moderna carioca, entre os quais se en-

quadra o Monumento aos Pracinhas. Repositório ainda de um forte apelo memorialístico, o espaço do monumento engendra também diversas outras interpretações que buscam associar muitos dos seus aspectos formais que o constituem às memórias dos feitos heroicos dos Pracinhas nos campos de batalha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

Assim, os dois pilones paralelos que se elevam em mais de 30 metros de altura acima do nível do mar e que podem ser vistos de diferentes partes da cidade são relacionados por muitos ora como se fossem duas mãos em direção aos céus em oração, ora, mais jocosamente, com as muletas dos pracinhas que tiveram seus membros amputados durante a guerra.

A marquise em balanço que, do ponto de vista construtivo, demonstra a capacidade técnica da arquitetura moderna brasileira, é constantemente associada aos braços fortes (alusão também ao *slogan* oficial do Exército Brasileiro, “Braço forte, mão amiga”) dos pracinhas que lutaram nos campos de batalha da Itália.

O lago, com 70 metros de comprimento e escalonado em quatro níveis, gerando uma espécie de cascata de água que confere um ar de penumbra e de introspecção no interior do mausoléu, costuma ser associado ao choro e às lágrimas das mães que perderam seus filhos na Guerra.

Tudo ali aparece estabilizado e naturalizado para grande parte da comunidade de arquitetos como também para os técnicos empenhados em salvaguardar aquele patrimônio. Pouco ou nada sabem sobre as constantes tensões cotidianas pelas quais passam os administradores do monumento, que têm a missão de garantir (numa “guerra” constante entre o monumento e o cotidiano, entre a purismo e o hibridismo, entre o espaço concebido e o espaço vivido, entre humanos e não humanos, entre o campo de experiências passadas e o horizonte de expectativas futuras) a atmosfera de aparente estabilidade dos materiais que, no mais de meio século desde a construção do monumento, mobilizam e absorvem diferentes memórias coletivas e narrativas que reelaboram e ressignificam constantemente o Monumento aos Pracinhas, tornando-o outro em cada mirada que sobre ele lançamos.

Se, como nos revela Adrian Forty (1999), a memória no Ocidente moderno se constitui em uma espécie de carimbo, em que sua impressão é garantida e sustentada em um determinado suporte material, verificamos aqui que, certamente, a Arquitetura ganha importância devido à suposta (e ilusória) perenidade dos materiais que a constituem.

Assim, entre o olhar distante e estabilizado que se apoia nas concepções originais do projeto arquitetônico e muito caro à comunidade de arquitetos e o trabalho de campo que desenvolvi no Monumento aos Pracinhas, pude verificar que se revelou ilusória essa perenidade material como também soou artificial e frágil a evocação de lembranças e de memórias em suportes materiais que, a cada momento, transformam-se, refazem-se e se destroem não somente pela ação dos humanos como também por outros agentes que aceleram tais transformações.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: FCE, 1993.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Monumentalidade e cotidiano: a função pública da Arquitetura. **MDC: Mínimo Denominador Comum**, Belo Horizonte; Brasília, a. 1, n. 3, mar. 2006. Disponível em: <<http://mdc.arq.br/2006/03/31/monumentalidade-e-cotidiano-a-funcao-publica-da-arquitetura/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FORTY, Adrian; KÜCHLER, Susanne (eds.). **The art of forgetting**. Oxford; Nova Iorque: Berg, 1999.

FOUCAULT, Michel. Heterotopias. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. O panoptismo. In: FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 173-199.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: CNPq; Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 108-123.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jun. 2005.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: Arquitetura, monumentos e mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INGOLD, Tim. Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world. In: INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000, p. 172-188.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010, p. 89-123.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LEITE, Rogério Proença. **Contrausos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Editora da Unicamp; Aracaju: Editora UFSE, 2007.

LEITE, Rogério Proença. **Contrausos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown**. **Revis-**

ta Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 115-134, jun. 2002.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história. a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TRAVERSO, Enzo. **O passado: modos de usar**. Lisboa: Unipop, 2012.

Recebido em 17/07/2014

Aprovado em 16/09/2014